

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

TEBE

C. M. B. 5008 masef
BIBLIOTECA

Director honorário:

M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - Ric

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Primavera

Por M. L.

As andorinhas, em revoadas alegres, em breve nos anunciam a chegada desta estação, que, alvoroçadamente, todos esperam.

A Primavera é o renascer da Natureza nos seus mais variados aspectos. É como se um artista insigne se comprazesse em a retocar com pinceladas suaves, mas que animassem repentinamente o aspecto da desolação dos tons sombrios, das manchas escuras do Inverno. O verde dos campos, renova-se, as folhinhas viçosas vestem as árvores, as flores brancas e rosa-claro perfumam o ar e amenizam a monotonia da paisagem, como risos alegres em ambientes soturnos.

Primavera — tempo das flores, das aves, das vidas felizes que sentem com mais intensidade as belezas que as cercam.

Quantos poetas encheram páginas de livros, cantando a Primavera, quantos pintores ansiaram fixar-lhe as cores suaves e delicadas nas suas telas, quantos músicos insignes sonharam prender-lhe as harmonias em obras maravilhosas!

A Primavera foi, em todos os tempos, apreciada por gerações que gozaram os seus encantos e os immortalizaram.

A Primavera é linda, no campo, na serra, no vale, junto ao mar ou nos interiores sertanejos. Não há sol que tanto acaricie, nem brisas tão leves e perfumadas.

Assim é para todos nós também a Mocidade, primavera da vida!

Nessa idade linda, a imaginação povoa de sonhos os dias, enche de sol as horas, abre as almas aos mais puros e belos sentimentos. É tão bom construir castelos altaneiros, ainda que no cimo de rochas inseguras!...

Tolos aqueles que, com palavras repassadas de experiência, querem abrir os olhos à mocidade estouvada e pretenciosa!

A minha Avó

*Ei-la que foi nas asas do eterno Sol-Poente...
Velhinha! Oh! Tão velhinha, que o Sol'inda beijava...
A luz daquele olhar cansado levemente,
Com ar de quem sabia, que a hora não tardava.*

*Partiu, como quem vai, segura no caminho,
Tão pura como fora no mundo que viveu...
E seus cabelos brancos, macios como arminho,
São pétalas de fé da dor que Deus lhe deu...*

*Ei-la que foi deitada num sonho de paisagem,
Tão velha e tão menina, envolta de luar...
E as avezitas cantam perdidas na ramagem
E as folhas balouçando começam a acenar...*

*Adeus! Ó Companheira! Menina do Sol-Posto,
Aceita a nossa dor num pranto compungido,
Em breve será pó a alvura do teu rosto
E a luz do teu olhar um mundo escurecido.*

*E tu! boa Velhinha! depois de tão cansada,
Repousa, enfim, em paz, bem junto ao Senhor
E pede a Deus, por toda a alma lacerada,
Mais paz, mais luz, mais fé, mais pão e mais amor.*

*E de mim, um pecador, aceita este seu canto,
Qual mundo de orações envolto de tristeza
Que o mundo, ó minha avó, é imenso mar em pranto
Coalhado de mil lágrimas da fome e da pobreza!*

É como se o Verão teimasse em convencer a Primavera que o calor faria tombar secas, as flores cheias de frescura, de cor e de vida, que desabrocham em Abril e Maio.

É assim a vida! Tem idades para brincar, para rir despreocupadamente, para sonhar com leviandade e finalmente para ir curvando emmurchecida para a terra.

Nenhum ambiente como o primaveril é propício a fazer

vibrar os corações jovens. Não há amor sem romantismo, sem manhãs primaveris, sem tardes serenas, sem a frescura e o perfume das flores, sem a música dos chilreios! Por mais materialista que um coração seja, não se pode subtrair ao encanto perturbador das horas serenas do entardecer, ou dos minutos de emoção do raiar das madrugadas da Primavera. Aquilo que nos sensibiliza sem

(Continua na página 2)

E SE FALÁSSEMOS DE:

Relógios

Por F. Correia

O teu relógio está atrasado, amigo leitor? Tem cuidado, porque desses atrasos não se compadece o relógio da tua fábrica! Lembra-te que és um escravo das horas certas e contadas e acautela-te porque o relógio é o teu pior inimigo. Não passas, como eu, duma vítima dessa máquina que o Homem criou, com quanta persistência e sabedoria, através de milénios, desde todos os tempos. Mas esse ditador que nos faz correr quando desejávamos parar, que nos obriga a acordar, quando mais ambicionávamos dormir, tinha de existir. Como poderíamos viver sem medir e dividir o tempo? E, quando não havia relógios, como se orientava o Homem, perguntar-me-ás, em desafio!... O Homem achou sempre maneira de dividir o tempo. Aquele frade, sineiro do convento, que lia os salmos e quando atingia determinada estrofe se erguia para tocar a sineta, achou maneira de o medir...

Mas o mais fiel dos relógios foi o Sol e as sombras que projectava. Por ele e por elas se dividiram os dias solares. As varas graduadas, as mais perfeitas em forma octogonal, tendo em cada lado marcações especiais, para estações diferentes, os quadrantes solares, ainda hoje existentes como reliquias, lá iam cumprindo, modestamente, a sua missão. Mas o Sol nem sempre projectava os seus raios de luz e havia que contar com a noite. Tais

(Continua na página 8)

«O alicerce de um Estado é o povo; quando este alicerce é apenas terra e lama, o Estado pouco tempo dura».

Luís XVI, de França

Fazem anos no mês de MARÇO, os nossos seguintes trabalhadores:

DIA 1 — Maria Carolina M. Barbosa, Maria Augusta Gomes Pombal e Maria Alice Figueiredo Pereira.

DIA 2 — Maria Lucília Gonçalves.

DIA 4 — Joana P. da Silva.

DIA 5 — Ana Amaral.

DIA 6 — Maria do Carmo Pinto Figueiredo, Maria José Cardoso e Maria da Conceição Gomes Faria.

DIA 7 — Deolinda Correia dos Santos.

DIA 8 — Germano Correia Pereira e Maria da Conceição Fernandes Carvalho.

DIA 9 — Carlos Januário Miranda Pereira.

DIA 12 — Maria da Glória da Costa Torres.

DIA 13 — Maria da Conceição Dias do Vale e Maria Lopes Martins.

DIA 15 — Olívia dos Prazeres Gonçalves, Ana de Andrade Pereira e Maria Margarida Miranda Ferreira.

DIA 16 — Augusto de Sousa Machado.

DIA 17 — Rosa de Azevedo Lopes e Maria Pereira Alves.

DIA 19 — Maria Castro Pinto, Mercedes Martins Pereira e Mesias Augusta L. Pereira.

DIA 20 — Maria Dantas da Costa.

DIA 22 — Maria Arminda Figueiredo Pereira e Maria do Carmo Fernandes Pereira.

DIA 23 — Angelina Ricarda Moreira, Rosa Gomes Gandra e Isabel Miranda de Sousa.

DIA 24 — José Carlos Dantas Magalhães e Maria da Glória Gonçalves Loureiro.

DIA 25 — Carolina do Rosário P. Barbosa e Ana Gomes de Sousa.

DIA 26 — Emília da Silva Figueiredo.

DIA 27 — Maria Lúcia Rosa Pereira, António Ferreira Caldas, Maria Celeste A. Miranda e Maria Alves Rodrigues.

DIA 28 — Maria Luciana Faria Dantas e Maria do Carmo S. Fernandes.

DIA 29 — Arlinda da Costa Marinho, Arminda Braga de Oliveira e Maria Rosa Rodrigues.

DIA 30 — Francelina da Cunha Correia.

DIA 31 — Maria Alice Ricarda Moreira.

Mensais

Igualmente fazem anos mais os seguintes Snrs.:

DIA 1 — Manuel Fernando de Sousa, nosso colaborador desportivo.

DIA 3 — Carlos do Carmo Quinta e Costa e José da Silva Freitas.

DIA 4 — D. Estrela da Silva Tavares.

DIA 5 — Manuel Cândido Gonçalves.

DIA 13 — Manuel da Silva Correia.

DIA 29 — Adriano Pereira de Faria, nosso colaborador desportivo.

A todos os nossos melhores cumprimentos.

Uma quadra

*Amor de mãe quem tiver
Deve guardá-lo no peito;
Que não há amor de mulher
Que seja amor tão perfeito.*

Júlio Brandão

Primavera

(Continuação da página 1)

se poder descrever é a poesia. E é a poesia, que emoldura de graça a vida, que enche de anseios os corações moços, que aplanas as arestas das vidas que sofrem injustiças e que embelezam as recordações dos que choraram.

Na primavera há poesia porque há doçura, há calma, há beleza espalhada pela Natureza e que se espelha nas almas abertas à Verdade.

Primavera, sinfonia de cores, policromia de sons meigos, alegria de corações felizes!

Primavera — estação amiga.

Boletim Social da Tebe

Desde a saída do primeiro número, que acompanho com simpatia o esforço representado pela publicação do «Boletim Social da Tebe». Magnífico aspecto gráfico, variada colaboração, e, a louvável intenção social que este órgão da imprensa barcelense se propôs a realizar, são factos que não posso deixar de apreciar, deixando aqui o meu aplauso ao seu ilustre director, augurando-lhe para o seu Boletim uma longa vida repleta de êxitos jornalísticos.

Veloso de Carvalho

Concurso do S. João

«Boletim Social da Tebe» vai criar os Jogos florais do S. João, pelo que avisa os seus queridos leitores que podem ir preparando as suas quadras populares referentes ao S. João.

Saber esperar é uma grande virtude...

Traços Monográficos

Por MARIA MANUELA

LUANDA, linda capital da Província de Angola

FOI Paulo Dias de Novais que, nomeado por carta régia, ocupou o primeiro lugar como Governador e conquistador do Reino de Angola.

Este acontecimento foi no ano de 1571, como reza a história. Porém a fisionomia da cidade, com as suas características, a sua vida, o seu cunho pessoal, só foi bem desenhado ao longo dos anos decorridos entre 1611 a 1641.

Durante este período, a cidade, rasga-se e alonga-se em prédios que vão da Sé ao largo do Infante D. Fernando.

Portugal marca uma época colonizadora que, de ano para ano, mais se confirma e se engrandece com monumentos e edifícios que lhe criam invejado hegemonia.

Entre os vários edifícios e monumentos erguidos, cumpre nos salientar os seguintes:

A Misericórdia de Luanda, erguida em 1576, a fortaleza de Nossa Senhora da Guia, a igreja do Espírito Santo, a fortaleza de Santa Cruz, etc., etc...

Porém em 1648, Luanda deixa de ser nossa para só mais tarde voltar a ser, mercê da acção libertadora de Salvador Correia, ficando, desde então, como parcela sagrada da nossa projecção geográfica.

Luanda, nesses tempos recuados da história, dividia-se em Cidade Alta e Cidade Baixa.

Contudo, o aumento da população, o progresso, o caminhar dos anos, criou características curiosas nesse pedaço de Portugal. Como não existissem nomes das ruas, os vários sítios da cidade eram designados por

bairros; como por exemplo o de *Matamba*, Cafuco, Quopacas, Nazaré, Bungo, Caponta, Maculusso, Ingombotas, Maianga. Hoje, Luanda é uma cidade linda, com vida característica e imensamente progressiva.

A título de divulgação vamos dar alguns apontamentos monográficos de Luanda, respigados da obra «Luanda».

Brazão — Luanda tem como brazão, segundo registo arquivado na Torre do Tombo, um escudo bipartido com a imagem de N. S. da Conceição na parte esquerda, em campo vermelho; sobre o escudo poisa a coroa ducal.

Origem da Palavra Luanda — A palavra Luanda é filha do dialecto quimbundo (rig. red.).

Privilégios e honras — Alvará concedido por El-Rei D. Afonso VI no ano de 1662.

Tinham, os seus habitantes, o privilégio de cidadãos do Porto, pelos serviços gloriosos na restauração da cidade.

Posição Geográfica — Fica situada a 8°, 48', 47"7, de latitude Sul e a 15°, 13', 5" de longitude E. G. e à altitude máxima de 59^m,25.

Clima — Tem 2 épocas: a do *Cacimbo* e a das chuvas. A primeira começa em Maio até Setembro, e a segunda a partir de Setembro até Maio.

Os ventos predominam os do Sudoeste e Nordeste influenciados pela corrente marítima que passa ao longo da costa e que se chama «Corrente de Benguela».

No próximo número daremos continuidades a estes ligeiros apontamentos.

Portugal e o Mundo, vistos de relance

a) Cascais viveu horas altas de entusiasmo quando, no passado dia 12, viu o casamento principesco de Maria Pia, de Itália, com o príncipe Alexandre da Jugoslávia.

b) Na Assíria foi descoberto um relatório de guerra, feito há 2.600 anos.

c) Israel e Jordânia parece que não se entendem lá muito bem, pois o tiroteio travado entre ambos tudo leva a concluir...

d) Qual será o propósito da Rússia ante o problema internacional do mundo... Eis uma incógnita, que só se desvendará daqui a mais algum tempo.

Veloso de Carvalho

Esteve na redacção do «Boletim Social da Tebe» a apresentar cumprimentos, o vigoroso escritor e administrador da Revista Portugal Brasil — Veloso de Carvalho.

Piada do mês

O doente: — Então senhor Doutor o que é que tenho?

O médico: — Uma inflamação muito adiantada no seu apêndice!

O doente: — O quê! Não haverá engano?

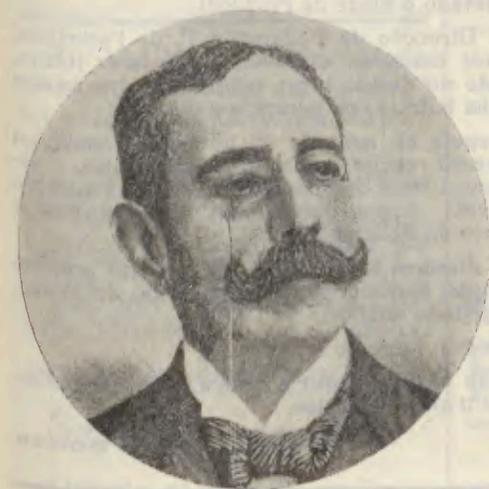
O médico: — Não há engano possível! Talvez o Snr. não saiba onde está o seu apêndice?

O doente: — Sei, sei; está num frasco de álcool no laboratório do hospital.



Ligeiros apontamentos sobre Ramalho Ortigão

FALAR de Ramalho Ortigão, da sua obra, da sua literatura e da sua ironia, é como se abrissemos as «Farpas» e as lêssemos com os olhos postos naquele tempo em que o riso era uma filosofia.



Ramalho Ortigão

Ramalho, escritor de recursos inconfundíveis, foi talvez o único que, subindo acima de tudo e de todos, conseguiu criticar, chacotear, derubar, toda uma sociedade do seu tempo.

Ramalho, ria em voz alta, no mundo das suas frases lapidadas a camartelo.

Cada pensamento seu, aureolado de uma ironia fustigante e tumultuária, parecia querer mostrar a parte mais repelente e mais fétida da chaga que, infelizmente, alastrava a passos de gigante.

Ramalho Ortigão, banhado pelo Sol duma época literária divergente da anterior, caminha na senda dum pessimismo apocalíptico, demolido por vezes, sem uma razão forte, os princípios da religião católica, mostrando, com sarcasmos fustigantes, os seus defeitos e amalgamentos.

Mas se Ramalho se notabilizou pelo defeito «da observação negativista» temos também o dever de fazer justiça à sua obra, por vezes cintilando, com brilho imponderável e eterno, como sucede na «Hollanda».

Se pecou como sociólogo, certamente que se notabilizou como um grande artista.

E, de facto, Ramalho deixou à nossa literatura páginas de rara beleza, por vezes em-

briagadas, dos vapores da chacota.

Mas as «Farpas» oferecem-nos páginas de grandeza tumultuária.

Observemos esta:

«Outubro de 1874.

Ao Sr. Pinto Coelho, da Companhia das Águas e do partido legitimista.

«Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Pinto Coelho, digno director da Companhia das Águas e digno membro do partido legitimista.

Dois factos, igualmente graves e igualmente importantes para mim, me levam a dirigir a V. Ex.^a estas humildes regras:

O primeiro é a tomada de Cuenca e as últimas vitórias das forças carlistas sobre as tropas republicanas em Espanha; o segundo é a falta de água na minha cozinha e no meu quarto de banho.

Abundarem os carlistas e escassearem as águas — eis uma coincidência histórica que deve comover duplamente uma alma sobre a qual pesa, como na de V. Ex.^a, a responsabilidade da canalização e a do direito divino.

Se eu tiver a fortuna de exacerbar até às lágrimas a justa comoção de V. V. Ex.^a, que eu interponha o meu contador.

Excelentíssimo Senhor! que eu o interponha nas relações da sensibilidade de V. Ex.^a com o mundo externo! e que essas lágrimas benditas do industrial e do político caiam na minha banheira!

E pago este tributo aos nossos affectos, falemos um pouco, se V. Ex.^a o permite, dos nossos contratos.

Em virtude de um escrito devidamente firmado por V. Ex.^a e por mim, temos nós — um para com o outro — um certo número de direitos e de encargos.

Eu obriguei-me para com V. Ex.^a a pagar a despesa de uma encanação, o aluguer de um contador e o preço da água que consumisse.

V. Ex.^a pela sua parte obrigou-se para comigo a fornecer-me a água do meu consumo. V. Ex.^a fornecia, eu pagava. Faltamos evidentemente à fé deste contrato: eu se não

A GAIVOTA

*Passa-me o rio em frente da janela.
Muita vez, ao luar, noites de rosa,
Vejo boiando uma gaivota ansiosa
Sobre a corrente múrmura, singela.*

*É sempre a mesma. É uma delícia vê-la;
E tanto me entretém, — voluptuosa,
Que chego, nesta vida trabalhosa,
Quando ela falta, a ter saudades dela.*

*Pois que, vendo-a passar boiando e mansa,
Sinto-me alegre, e ocorrem-me à lembrança
As conquistas, a lira, a «morbidez»*

*De um trovador ditoso, flutuando
Pelos canais, em gôndola, cantando,
Nas amorosas noites de Veneza.*

ANTÓNIO FOGAÇA

pagar, V. Ex.^a se não fornecer. Se eu não pagar V. Ex.^a faz isto: corta-me a canalização.

Quando V. Ex.^a não fornecer o que hei-de eu fazer, Excelentíssimo Senhor?

É evidente que, para que o nosso contrato não seja inteiramente leonino, eu preciso, no caso análogo àquele em que V. Ex.^a me cortaria a mim a canalização, de cortar alguma coisa a V. Ex.^a...

Oh! e hei-de cortar-lha!

Eu não peço indemnização pela perda que estou sofrendo, eu não peço contas, eu não peço explicações, eu chego a nem sequer pedir água! Não quero pôr em dificuldades a Companhia, não quero causar-lhe desgostos nem prejuí-

zos! Quero apenas esta pequena desafronta bem simples e bem razoável perante o direito e a justiça distributiva: — quero cortar uma coisa a V. Ex.^a.

Rogo-lhe, Excelentíssimo Senhor, a especial fineza de me dizer imediatamente, pe remptoriamente, sem evasivas nem tergiversações, qual é a coisa que no mais santo uso do meu pleno direito, eu posso cortar a V. Ex.^a.

Tenho a honra de ser
De V. Ex.^a

Com muita consideração e com umas tesouras
Servo submisso».

Ramalho Ortigão

Como um pintor desconhecido, humilde e pobre, concebeu a nossa ponte sobre o Cávado e o imenso casario.

Deixemos a crítica do trabalho ao esclarecido conceito dos nossos leitores entendidos.

Eis pois um cenário visto de Barlinhos.





Dirigida por José Pires Bigote, Adriano Faria e Manuel de Sousa

A Cidade de Barcelos condenada a não ver oquei em patins!...

NÃO podem os clubes de Barcelos que praticam o Oquei em Patins, utilizar o Rink do Parque da Cidade, em jogos oficiais, pois não dispondo de Balneários, não tem condições para receber as equipas com quem tenham de jogar.

O Balneário do Hospital, que por deferência da Mesa, vinha sendo utilizado pelos grupos de Barcelos, vai ser adaptado a uma enfermaria. Os clubes já foram avisados que, de futuro, não poderão utilizar aquele Balneário.

Não sabemos se a Ex.^{ma} Câmara já pensou remediar o mal, e, portanto, para já, podemos afirmar que a nossa cidade está condenada a não ver Oquei em Patins.

STIK

FUTEBOL

Nacional da II Divisão

Mais três jornadas e eis-nos no final do Campeonato Nacional da II Divisão. Praticamente, à parte uma ou outra alteração no quadro da classificação geral final, já os clubes se encontram nas posições que lhes compete.

Teremos à vista a disputa da «Taça de Portugal», e naturalmente ainda o grupo Barcelense marcará a sua presença. Outros clubes porém, estão animados desta mesma vontade e assim mais se empenharão ainda à luta até final.

Por sua vez, os mais fracos, ou melhor dizendo, os desafortunados pelo destino, procuram a todo o transe fazer cócegas aos mais fortes e muitas vezes as coisas estão de onde se não esperam. Contudo,

(Continua na página 5)

MORALIDADE A MAIS E JUSTIÇA A MENOS

TÊM os jornais de todo o País dado o maior relevo ao que se tem passado no Congresso da Federação P. de Patinagem mas em boa verdade, muito pouca gente se apercebeu, do alto significado (?) de tantas discussões, pelo menos para a modalidade que, até ao momento, mais alto tem elevado o nome de Portugal.

A Direcção da Federação P. de Patinagem, pretende moralizar a modalidade e fazer justiça, repondo no devido lugar tudo aquilo que de mau se tenha feito (?) na gerência anterior.

Depois de mais de 15 horas de reunião, o Congresso regeita os relatórios de contas, e decide enviá-las a Sua Ex.^a o Ministro da Educação Nacional. Assim procedendo, resolveu tudo a contento da Federação.

E dizemos tudo porque até o justo protesto do Taipas, apresentado pelo delegado do Minho, foi rejeitado também.

Se não fosse do Minho?...

Não há dúvida que a justiça já abriu os olhos e já vê a quem se dirige.

Fernando de Sousa

A posse da nova Direcção do Gil Vicente Futebol Clube...

NO dia 4 do corrente, no Teatro Gil Vicente, devidamente engalanado e no palco a sobressair-se a bandeira do Clube, realizou-se o acto de posse dos novos Corpos Gerentes do Gil Vicente Futebol Clube, a que preside o distinto médico e ilustre Barcelense Ex.^{mo} Senhor Dr. Francisco Rodrigues Torres.

A presença — sempre esperada — do Senhor Dr. Francisco Torres na presidência do maior e mais importante Clube de Barcelos, traz para este a esperança de um futuro melhor nas épocas que vão surgir. E, tal é a confiança nesse novo destino, que a presença do Sr. Dr. Torres chamou ao Teatro, numa avalanche enorme, adeptos onde era impossível distinguir classes sociais.

No rosto de todos estes desportistas notava-se um sorriso confiante e, vibrando de entusiasmo às palavras dos oradores, de momento a momento tornavam o ambiente mais agradável e animado, numa sublime demonstração do seu amor clubista.

Presidiu ao acto o Senhor Dr. Luís Novais Machado, Presidente da Câmara Municipal, tendo a ladeá-lo os Srs. Presidente da Associação de Futebol de Braga; Dr. Francisco Rodrigues Torres; D. Vicente Mahiques Senti; Jerónimo de Castro; Vice-Presidente da Câmara Municipal; Dr. Joaquim Reis; Augusto Martins, Presidente da Comissão Distrital de Árbitros; Dr. José António Torres e Manuel Pereira da Quinta Júnior. No palco encontravam-se ainda todos os dirigentes do Clube.

No uso da palavra, o Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Sr. Simplicio de Sousa, teve palavras de saudação para as autoridades e de elogio

para o novo Presidente Senhor Dr. Francisco Torres e demais membros da Direcção. Frizou depois e num esclarecimento ao auditório, a triste situação financeira do Clube, para o que fazia o seu apelo a todos num auxílio dentro do possível.

Falaram seguidamente os Snrs. Aníbal Beleza, novo Secretário; Augusto Martins, Presidente da Comissão Distrital de Árbitros e nosso conterrâneo; Jerónimo de Castro, Secretário Geral da Associação de Futebol de Braga que, a dado momento, salientou: *Sempre recebi bem os directores do Gil Vicente, desde o Simplicio de aspecto triste até ao Aarão irrequieto. Nunca a Direcção do Gil Vicente foi à Associação que não fosse para pedir e sempre foi atendida. Sempre na Associação defendi os interesses do Gil Vicente...*

Falaram ainda o Presidente da Associação de Braga, Engenheiro Cruz e Silva, tendo-se-lhe seguido, e que foi recebido com uma calorosa salva de palmas, o Senhor Dr. Francisco Rodrigues Torres que, a certo ponto do seu bem delineado discurso e entre outras frases, disse: *Pelo Clube que ajudei a formar e que algumas vezes dirigi, vou fazer tudo o que for possível, com prejuizo, e grande, do meu sossego, do repouso a que me julgo com direito, depois de tantos anos de luta e trabalho...*

E mais adiante, frizou: *Barcelos com o seu Clube Gil Vicente tornou-se conhecido de ponta a ponta do País.*

Esta propaganda da nossa Cidade, não é digna de ser acarinhada e auxiliada? Eis os motivos porque



O Ex.^{mo} Sr. Dr. Francisco Torres proferindo o seu discurso

Talvez não saiba que:

a) O «Boletim Social da Tebe» é feito nas horas vagas e leva dentro dele um mundo de boa vontade e de amor.

b) Para a poliomielite e febre reumática estão a ser aproveitadas as cascas de laranja e de limão.

c) A síntese da composição da população da Angola se pode representar, segundo os tipos somáticos como segue:

Em 1950

Branços	78.905
Mestiços	29.550
Pretos	4.036.547
Outros tipos	184

d) La Vingt — cinqüème heuse (A Vigésima quinta hora) foi escrita por C. Virgil Gheorghiu.

e) S. Tomás exprimiou num pensamento duas definições. «Justiça e Caridade». Diz ele «Pela justiça dá-se aos outros o que lhes é devido, pela caridade dá-se-lhes o que é nosso».

Sabedoria do Povo

Quando não chove em Fevereiro, nem bom prado, nem bom lameiro, nem bom chifre no carneiro.

— Neve de Fevereiro, preságio de mau celeiro.

— Em Fevereiro chuva, em Agosto uva.

accedi a tomar conta dos destinos do Gil Vicente.

Depois, e a pedido do Sr. Simplício de Sousa, a bandeira do Clube, conduzida por simpáticas meninas, percorreu a plateia do Teatro e outras dependências num peditório para atenuação do débito do Clube, sendo bem compreendido por todos os assistentes.

Encerrando a sessão, o Senhor Dr. Luís Novais Machado, Presidente da Câmara Municipal, depois de agradecer as saudações que lhe foram dirigidas, felicitou os novos e antigos dirigentes, declarando oferecer ao Clube sempre e quanto possível o seu auxílio e o da Câmara Municipal.

Durante e no final dos seus discursos, todos os oradores foram bastante aplaudidos pela magna assistência.

«Boletim Social da TEBE» não podia ficar indiferente a esta cerimónia e faz votos por uma boa campanha da nova Direcção, desejando as prosperidades do Clube, elevando-se tanto quanto possível a bem da Cidade e do desporto.

A. Faria

Apreciando . . .

Em 9 do corrente, teve lugar a eleição dos novos Corpos Gerentes do Clube Desportivo da Tebe, que na época de 1955/56 irá dirigir os destinos da colectividade.

A Direcção que em breve tomará posse, ficou constituída por elementos que muito contribuirão para o desenvolvimento do Clube e de quem muito se poderá esperar.

Na Presidência ficou o Senhor Henrique Calheiros, pessoa em que os Tebistas podem confiar pois que reúne qualidades de sobra para o lugar.

No cargo de Chefe da Secção do Oquei em Patins está o Senhor Manuel Sousa que também porá ao dispor dos atletas e do Clube as qualidades de que vem acreditado.

Os cargos foram assim ocupados:

Assembleia Geral

Presidente — José da Silva Freitas
Vice-Presidente — Francisco José Faria Torres (Eng.)
Secretários — Mário da Silva Freitas e João Dias de Figueiredo

Conselho Fiscal

Presidente — Joaquim Rodrigues
Vogais — Manuel Terroso de Lima e Manuel Cândido Gonçalves

Direcção

Presidente — Henrique Calheiros
Vice-Presidente — Jorge Ricardo Nunes
Secretário — José Pires Bigote
Tesoureiro — Adriano Pereira de Faria
Vogal — Manuel Cibrão

Ao que nos consta, o Clube da Tebe também apresentará em breve as suas secções de Natação, Tiro e Ciclismo, etc. . . .

— Parabéns aos novos dirigentes e felicidades nos empreendimentos.

João Cândido

FUTEBOL

(Continuação da página 4)

aguardemos mais o pouco que falta, pois muitas vezes o destino é traiçoeiro.

Esperançada na vitória, levou a equipa Gilista consigo até Santo Tirso e a incitá-la, muitos dos seus adeptos que não ficaram nada satisfeitos no final.

O resultado de 2-0 não foi favorável aos visitantes que se deixaram vencer por um adversário frouxo, num desafio pobre de técnica de parte a parte.

Era aguardado com interesse o desafio de Barcelos com a Oliveirense.

A equipa visitante, que se encontra no final da classificação, precisava de fugir a esse desagradável lugar. Porém, o Gil Vicente não podia perder, pois além de pretender ficar bem classificado, queria assegurar a sua participação na Taça de Portugal. Deste modo, o encontro teve valor porque ambos jogaram bem.

O jogo bem disputado, terminou com a vitória do Gil Vicente por 3 bolas a 1.

Na sua deslocação às Caldas da Rainha, o Gil Vicente perdeu com o grupo local por 4-0.

O resultado, um pouco pesado, é de aceitar.

Sem a colaboração de Nolito, que estava lesionado e que é o

O Clube Desportivo da TEBE vai ter o seu Rink

Reina o maior entusiasmo entre dirigentes e dirigidos do Desportivo da TEBE, pois tudo se conjuga para que o Clube dentro em breve, tenha já o seu parque de jogos, com um Rink de patinagem e campos de Voleibol, Basket e Andebol.

A Comissão Pró-Rink já iniciou os seus trabalhos no sentido de obter o terreno indispensável para a realização de tão grande melhoramento.

STIK

melhor distribuidor da linha média, e, com Boavista fora do seu habitual lugar, o grupo de Barcelos apresentou-se inferiorizado perante um dos melhores agrupamentos da Zona.

Com uma regular falange de apoio, o Leixões deslocou-se a Barcelos, animado da melhor vontade, a fim de melhorar a sua situação.

Nem sequer a inclusão de Pedro, regressado do Brasil valeu para mover uma equipa que não mostrou arcaboço suficiente para enfrentar um adversário melhor preparado.

Vencendo por 5-0, os avançados locais não aproveitaram as ocasiões de golo, mas poder-se-ia ter modificado o marcador se os adversários soubessem perfurar uma defesa gilista desmantalada e incerta.

Pê Efe

UM POUCO DE CAMPISMO

III

Pertencendo nós a um país de nível de vida baixo, estamos por falta de recursos, impedidos, em parte, do gosto de viajar, de ver coisas dignas de serem admiradas, e de fugir deste ambiente quotidiano que nos sufoca.

Sem dúvida que o Campismo concorre em grande parte para a maior expansão do turismo, visto que, com pequenas despesas percorrem os Campistas grandes distâncias e conseguem desvendar novos horizontes, o que lhes proporciona adquirir melhores conhecimentos das terras que visitam, bastando para isso haver iniciativa, boa vontade e tempo disponível, para efectuar os seus acampamentos. Instalando-se nos locais que melhor sirvam as suas preferências. Os Campistas levantam as suas tendas nas margens dos rios, dos lagos, das praias, nas sombras de frondosas vegetações, assim como atingem as grandes altitudes em magníficas escaladas, em excelente espírito de aventura e de sonho.

O Campismo proporciona aos seus adeptos e cultores, um directo estudo de Botânica, Geologia, Arqueologia, Geografia, Folclore, colhendo cantares, lendas, tradições, confeccionando álbuns de fotografias, herbários e estudos da Natureza.

Qual o valor desportivo do Campismo?

Perguntarão os leitores! Acaso será o Campismo um Desporto? Haverá alguns que ponham dúvidas sobre o valor do Campismo nos Desportos, mas no entanto, não sendo um Desporto de competição, enquadra vários Desportos, como sejam: Alpinismo, Esqui, Remo, Natação, Vela, Hipismo, Ciclismo, Motociclismo, Automobilismo, Pedestrianismo, Pesca, etc., pois que tudo isto praticam os Campistas em elevado grau.

Não julguem porém que, praticar Campismo seja uma estafadela e um esgotamento completo de energias. O Campismo é antes um salutar desporto, além de que serve de distração natural aos seus praticantes.

O Campismo enquadra vários Desportos, os quais não sendo de competição, no seu conjunto não podem dar ensejo a competições.

Os exercícios fazem-se ao ar livre com naturalidade, tais como: marcha, corta-mato, escalada, subida às árvores, natação, banhos de sol, jogos, além das suas variantes; Ciclo-Campismo, Velo-Campismo, Auto-Campismo e Náutico-Campismo. A ginástica tendo grande valor educativo e físico, só por si não chega, porque além de ser um exercício forçado (geralmente em salas fechadas), falta-lhe o sol, ar puro e alimentação apropriada.

No Campismo não há Desportos de competição, que tornam as pessoas egoístas e desumanas, porque os seus exercícios executam-se com naturalidade. Para admirar uma paisagem sobe-se ao alto duma montanha (escalada e alpinismo); para encurtar caminho, segue-se através de uma floresta ou mata cerrada, tendo a cada passo de se abaixar, rastejar, firmar os pés, desviar com os braços os ramos das árvores e arbustos, pondo em constante movimento o corpo (corta-mato), golpe de vista, espírito de observação, orientação, domínio de si próprio, coragem, etc.

Encontra-se um ribeiro ou rio que tenta, uma lagoa ou o próprio mar, e logo o Campista vai nadar, remar (Desportos Náuticos). E como tudo é realizado ao ar livre, em contacto com o Sol, o Campista com o seu traje leve, pode tomar banhos de Sol e fazer outras actividades como: rachar lenha, construir cozinhas, latrinas, montar as tendas, e empreender outros serviços apropriados.

Campista

Meu querido filho

ANDO admirado com o teu silêncio e, como podes calcular, profundamente triste. És tão novo, uma criança quase e pensas já que podes viver sem os conselhos dos teus pais e sem as suas repreensões. Quem és tu meu filho? Um rapazinho ainda, com 17 anos, um menino quase, que precisa de açoitamentos tantas vezes. És um operário, é certo, trabalhas, tens obrigações e por isso te julgas com direito a regalias. Sabes tão pouco da vida meu pobre filho! e supões porém que conheces o mundo e os seus segredos.

Queria, meu filho, que tu fosses um homem, e foi para o seres, verdadeiramente, que eu te eduquei. Não foram poucos os meus sacrifícios e os de tua Mãe para te criarmos com o máximo de conforto que era possível dar-te na nossa modéstia, quase pobreza. Faltou-te, alguma vez, talvez, o pão necessário ou algum agasalho, mas nunca te faltaram carinhos nem amizade. O ambiente da nossa casa humilde teve sempre o calor dum amor abençoado por Deus, teve sempre a clara serenidade dos lares onde impem as virtudes mais elevadas. A tua Mãe, cheia de trabalhos e de consumições encarava a vida de frente, sem censuras e sem revoltas. Contudo, eram por vezes bem amargos os seus dias, com trabalhos, pouca saúde, cheia de filhos e poucos meios para os criar, com os mimos, que o seu coração ambicionava, para esses pequeninos.

Eu, porque o trabalho faltou na minha terra, tive de vir para longe ganhar o necessário para vos poder dar aquilo que a vossa idade ia exigindo: vestuário, alimentação e a instrução tão necessária ao homem de hoje. Sentia-me imensamente feliz quando, nas suas cartas, a tua Mãe me dizia que eras um rapazinho inteligente. Muitas vezes te pedi que aproveitasses bem esse tempo da escola, estudando com cuidado. Fizeste o teu exame e isso foi para mim uma grande alegria. Estavas pronto para entrar na vida séria do trabalho! Estavas pronto, pensava eu, mas bem me enganava! A escola deu-te instruções e noções sérias dos teus deveres de cidadão, mas eras demasiado novo para as compreenderes profundamente e para as conservares pela vida fora nortearando os teus passos de adolescente e de homem. Em breve as esqueceste, ou, levado por maus companheiros, as julgaste ridículas e infantis.

Começaste a trabalhar e logo mil ambições mesquinhas se apoderaram do teu espírito tão mal preparado para esse embate violento com a vida, onde, homens feitos, se comprazem em te abrir os olhos para o mal. A vida surge-te com o seu imenso estendal de misérias e de prazeres.

Queres experimentar com sofreguidão esses encantos que seduzem os teus companheiros e o salário desaparece como uma ridicularia ante as ambições desmedidas dos teus anos inexperientes. És novo, dizes tu, não podes resistir às tentações, mas podes resistir às lágrimas da tua Mãe, aos seus desgostos, às suas amarguras. Tens mais exigências e menos ternura e menos respeito. Creceste, é certo, meu filho, mas não és um Homem! És pouco mais que um bruto, com instintos e sem sentimentos.

Não posso suportar a ideia de que faltas ao respeito à tua Mãe! Acaso

pudeste esquecer os sacrifícios por ela passados para te criar e fazer de ti um rapazinho saudável, instruído e apto para trabalhar; pudeste esquecer também quantas amarguras, quantas aflições por ti sofreu; pudeste esquecer ainda, que a sua vida inteira foi consagrada, ao amor pelo teu Pai, à amizade pelos filhos ao carinho pela casa; pudeste esquecer os seus trabalhos, as suas canseiras, as suas doenças; pudeste esquecer, meu filho que à tua Mãe se não pode apontar o mais leve desvio na sua conduta moral. Sofreu a nossa separação resignadamente e sempre se conduziu com dignidade. Viveu para os filhos e pelos filhos, e tu, tudo pudeste esquecer para teres a baixeza moral de não a respeitares.

Não és um homem digno, não terás a amizade dos teus companheiros honestos, não poderás ter a consideração dos teus patrões e não terás nunca o amor duma rapariga séria. Terás a vida truncada, sem o respeito dos outros, nem a sua amizade, nem a sua consideração. Não poderás nunca ser feliz sem o amor da tua Mãe porque ela seria o refúgio das tuas horas tristes; ela será o eco sonoro, estridente das tuas alegrias. No coração da tua Mãe os teus contentamentos ou os teus pesares ganham mais amplitude e ela os sente mais que tu, ainda.

Meu filho, se não esqueceste aquela doce doutrina que manda «Honrar Pai e Mãe», se não esqueceste os meus exemplos e os meus conselhos, se não perdeste ainda a noção dos deveres de todo o homem, medita nas tuas palavras indignas, nos teus actos arrebatados, nas tuas exigências loucas e retrocede, meu filho! Não carregues de remorsos a tua consciência, não enchas a tua vida jovem de horas tristes!

Ama a vida mas aquela vida que eleva as almas pelos sacrifícios pequenos, pelas renúncias grandes.

Tens 17 anos e um coração bondoso, eu sei! Não te envergonhes de o escutar e de seguir os seus impulsos.

Queria-te um homem trabalhador e um homem absolutamente cumpridor das suas obrigações! És forte, podes aguentar sem quebras o teu trabalho, mas toma cuidado, meu filho, não desperdices as tuas energias nas horas livres, passando-as em ambientes viciados! Faz uma vida saudável! És novo, tens saúde, dedica-te ao desporto e quando, cansado, procurares repouso, abre um livro amigo e nele busca conceitos mais elevados sobre a vida, noções mais profundas das ciências. Através dos livros podes conhecer o mundo e a sua história! Nos bons livros aprenderás a amar a vida, a apreciar o que ela tem de belo e a desprezar o mal com todo o seu cortejo de ignomias e perversidades.

Peço a Deus que, em breve, possa voltar para a vossa companhia, mas se assim não acontecer, quero que sejas um homem com braço forte para defender a tua Mãe e um braço terno e amigo a ampará-la tanto mais, quanto os anos lhe forem tirando as forças! Cumpre a Lei de Deus, e terás o maior bem da terra — a paz do teu espírito. Sê grato a tua Mãe, embora a sua amizade e os seus conselhos só os possas compreender, quando tiveres um filho também.

Do teu pai

António

Dois pensamentos

Ninguém guarda melhor um segredo do que aquele que o ignora. — Calderon.

O homem guarda melhor o segredo alheio do que o seu; a mulher, pelo contrário, guarda melhor o seu segredo do que o alheio. — La Bruyère.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Mousinho de Albuquerque

HÁ nomes na História de Portugal que são fachos de luz resplendente, dos quais nenhuma política ou nenhuma doutrina jamais poderá esmorecer a intensidade.

Homens como Mousinho de Albuquerque dificilmente surgem! Mousinho de Albuquerque nascera para ser um Herói, pois em si estavam concentradas as mais altas qualidades da raça lusitana. Espírito profundamente patriótico, a sua vida imolou-a no altar sagrado da Pátria, com a altivez dos eleitos e a abnegação dos santos. Foi um militar por temperamento e um chefe por vocação. Ele era a expressão viva da coragem, da bravura, do heroísmo, de audácia. Não conhecia o temor. Caminhava sereno para a morte, com a alma cheia de tranquilidade! A sua vida norteou-a pelos mais belos exemplos dos velhos heróis que em lutas desiguais sempre arrancaram vitórias para Portugal. Mousinho, filho duma família nobre, desde pequenino fora educado na escola das velhas virtudes das famílias fidalgas portuguesas, que tudo sacrificavam, com os olhos postos na Pátria. Coração grande ele Amava os Ideais Altos e por eles se batia.

A Mousinho de Albuquerque se deve a pacificação da nossa província ultramarina de Moçambique. Devido às lutas civis que desde 1820 ensanguentavam o solo português, as nossas terras de Além-Mar estavam quase abandonadas. Não havia respeito pela soberania portuguesa e a Bandeira das quinze muitas vezes era alvo de ultrajes e humilhações por parte das tribus indígenas que se sublevavam, frequentemente.

Era necessário recuperar o prestígio perdido, era urgente dominar esses povos insubmissos, era um dever perante o mundo fazer flutuar novamente a Bandeira de Portugal.

Ninguém como Mousinho estava à altura dessa missão.

O chefe mais poderoso dessas tribus era Gungunhana, poderoso potentado que a Inglaterra animava a rebelar-se contra a soberania lusitana. Embora um pouco enfraquecidos pelas sucessivas derrotas de Bailundo Maracene e Corlela em que se encheram de glória Paiva Couceiro, Eduardo Galhardo, Freire de Andrade, Aires de Ornelas, Alves Roçadas, e tantos mais, Gungunhana soba dos vátuas, continuava em liberdade, senhor do seu poder contra Portugal. Era necessário prendê-lo vivo ou morto, antes que reunisse novas forças.

Foi Mousinho de Albuquerque que num ímpeto de temeridade louca se atraveu a prendê-lo,

dentro das terras em que era senhor. Acompanhado apenas de 46 praças e 2 oficiais dirigiu-se para Chaimite, onde ante o pasmo dos negros prendeu o poderoso chefe, sem que ninguém se achesse a atacar o diminuto grupo de arrojados portugueses. Gungunhana e alguns dos seus companheiros vieram depois para Lisboa, ficando assim liquidado o poderio dos vátuas e desfeita a campanha insidiosa dos inimigos do nosso império colonial. Não estava terminada ainda a acção do grande Mousinho. De Janeiro a Março de 1896 acabou de pacificar o sul de Gaza.

Depois, já Governador Geral de Moçambique, iniciou as campanhas do Namarral. Entretanto surge nova insurreição dos vátuas. No dia 15 de Julho de 1897, Mousinho de Albuquerque partiu com Aires de Ornelas para Macontene, onde o inimigo se havia encontrado. No dia 21, à vista da multidão assustadora de negros, formou o pequeno quadrado português sobre o qual os indígenas em número de 5.000 se precipitaram.

Deixou-os aproximar até cerca de 400 metros, principiando nessa altura a metralhá-los intensamente. Ante a hesitação no avanço dos negros, Mousinho saindo do quadrado à frente dos seus cavaleiros caiu sobre eles numa carga impetuosa, que ficou célebre na história das lutas africanas.

Foi Macontene, a arrancada gloriosa, o feito que havia de perpetuar o nome do já consagrado herói das nossas campanhas em África. Mousinho de Albuquerque não é um herói de estatura vulgar, é um gigante que, por si só, basta para fazer admirar o nome de Portugal, recordando aqueles versos de Camões, que dizem

*«É também as memórias gloriosas
Daqueles reis que foram dilatando
A fé, o império e as terras viciosas
.....
É aqueles que por obras valorosas
Se vão da lei da morte libertando».*

REVISTA

«PORTUGAL-BRASIL»

A revista Portugal-Brasil, mensagem comum de duas pátrias irmãs, publicou na íntegra e com certo relevo, o belo artigo «Nossa Senhora na História de Portugal» da autoria da nossa colaboradora D. Maria Lúcia A. M. Baptista.

Bem haja pela compreensão,

PAINEL PUBLICITÁRIO

Casa do Café

COM

FÁBRICA DE TORREFAÇÃO

Especialidade em
CAFÉS, CEVADAS, CHÁS
e todas as ESPECIARIAS.

O aroma do café da CASA DO CAFÉ
tem perfume... abençoado café.

Preferi-lo é ter um paladar requintado...

Em BARCELOS na

Rua D. António Barroso, 61-63 — Telefone 8390

Boletim Social da TEBE



Um jornal de ontem
para sempre

Leia-o e divulgue-o



Boletim Social da TEBE

Sametil

Um medicamento
ao serviço da pele...

Em líquido e em pó

Vende-se nas melho-
res farmácias

Seus sapatos duram mais...

Seus pés cansam menos...

Com calçado da

CASA CUNHA

DE

FÉLIX LUÍS DA CUNHA

Pois que levam as cinco letras mágicas:

- C** — confortável no interior
- E** — elegante nas suas linhas
- L** — leve como uma pluma
- S** — suave no andar
- O** — ótimo no preço

João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

MÚSICA

Por HUMBERTO D'AVILA

(Continuação do número anterior)

Prolongando a experiência, não começará ela a mexer-se no berço, a agitar as mãozitas, os braços, com o ritmo da pancada? Se se lhe der uma roca, cessando o ruído, ela, por si só, não se porá a agitá-la da mesma maneira? Parece legítimo ver-se em fenómeno tão significativo a revelação do instinto do ritmo. Quase nenhuma significação, pelo contrário, se poderá atribuir aos poucos sons isolados que a criança vier a produzir depois, ao principiar a ter voz. — São apenas, como dizer? — sons reflexos e inconscientes. Com o homem primitivo deve ter-se dado o mesmo. E a música vocal, portanto, parece não poder ter antecedido a instrumental.

Bücher observou que todo o esforço físico, todo o trabalho violento, tende a transformar-se em ritmo: veja-se um rachador de lenha ou o remador duma piroga. Quer individual, quer colectivamente — mas sobretudo colectivamente — o movimento uniforme, acentuado, torna quase que insensível o esforço que se dispense e mais rápido o trabalho que se realiza. E o canto brotaria, assim, dos peitos cansados, como um estímulo e um derivativo. Em boa verdade, não é admissível considerar o canto somente como simples e espontânea manifestação do instinto do ritmo, ou do esforço físico transformado em ritmo — o que, em princípio, é já aceitá-

vel para a música instrumental. Mesmo o canto mais rudimentar que concebamos não deixaria de oscilar entre os dois extremos sentimentais primários da tristeza e da alegria: lamentos arrastados ou guturais repetidos e excitados. Ora tristeza e alegria pressupõem já um estado consciencial adiantado. Com o desgosto de perder uma peça de caça apetecida ou a alegria de a abater com um golpe certo, o homem teve conhecimento da perda ou do triunfo.

A noção dessa perda ou desse triunfo não existiria para ele, se estivesse ainda mergulhado numa vida simplesmente vegetativa e não compartisse já duma vida activa, onde a luta pela sua subsistência é agora uma função instantânea e consciente. Só num estado mais adiantado, pois, o homem emitirá sons já com inflexões expressivas, como só muito mais tarde poderá articular sílabas, formar palavras, falar. Cantar é o modo da expressão mais

espontâneo e natural; falar é uma forma evoluída de cantar.

Quando o homem, porém, bate as palmas, percute uma pedra sobre a outra, entrechoca dois ossos, não faz outra coisa senão obedecer à sua inata tendência rítmica, mesmo sem com isso busca descarregar-se dum excesso de energia nervosa — ao que Spencer atribui uma possível causa das primeiras manifestações musicais — energia que, aliás, pode muito bem ser provocada por qualquer factor inconsciente nele ou, até, exterior a ele: por exemplo, uma trovoadas. Mais ainda, e já agora completo o meu pensamento: é precisamente nesta música dos instrumentos de percussão que a música vocal, como sua consequência, deve ter tido origem. E também não, como Stumpf argumenta, em gritos, chamadas, ou sinais, soltados na perseguição da caça, ou no acesso das lutas entre as tribos.

(Continua no próximo número)

TEMAS CIENTÍFICOS AO ALCANCE DE TODOS

Aparelhagem para radiografia

HÁ uns escassos 25 anos, o problema do diagnóstico radiológico não consistia tanto na interpretação da fotografia de raios X como na obtenção do negativo.

Era uma arte tirar uma boa radiografia; este trabalho era feito com o máximo cuidado e com a maior dificuldade.

Um grande número de contratempos e uma deterioração inútil da aparelhagem procediam, geralmente, um tal "sucesso". Facto ainda talvez mais grave era que a atenção do radiologista devia concentrar-se quase sempre em variados pormenores técnicos. Só há cerca de 10 anos pode ser eliminado esse inconveniente. Graças a uma completa normalização e uma mecanização do serviço, conseguiu-se que em quaisquer circunstâncias, a radiografia fosse obtida por um processo muito simples. Um dos mais importantes e engenhosos acessórios que esta simplificação técnica assegura, é, além da ampola de Raios X, por si só muito perfeita tecnicamente, o interruptor eléctrico horário sincronizado, de precisão. Este interruptor encarrega-se de ligar e desligar ao circuito a aparelhagem no momento desejado.

As condições impostas a este aparelho são verdadeiramente fantásticas. Pode fazer-se uma pequena ideia, considerando que estas ampolas de Raios X absorvem uma potência de 70 KWH, potência tão grande como a de um automóvel pesado de luxo. Uma tal potência deve ser posta a actuar e novamente ser desligada do circuito em alguns milésimos de segundo. Consegue-se isso nos aparelhos modernos por meio de uma instalação de sincronização quando a alta tensão é desligada do circuito no momento preciso em que a curva da corrente alterna corta a linha O. Desta forma o "relais" principal que assegura a ligação e a interrupção do circuito pode ser pequeno (é portanto de fraca inércia) permitindo que a ligação ou a interrupção do circuito no aparelho, se faça a 1/50 do segundo.

Além disso a aparelhagem moderna de radiografia moderna, compreende um "preparador" automático tal como, por exemplo: O Philips "Metalix" Médio D e Super D U graças ao qual o aparelho só começa a trabalhar quando todos os acessórios estão prontos para entrar em funcionamento, ao mesmo tempo que outras peças permitem que a variação das condições externas não exerça qualquer influência sobre o funcionamento da aparelhagem no momento em que é tirada a radiografia.

Uma ampola de Raios X tanto como a ampola "Rotalix" apresenta particularidades estranhas: o anodo é animado por um movimento de rotação no vácuo sob a acção dum Estator eléctrico. Assim é possível empregar energias muito fortes sobre um foco muito pequeno, durante um curto espaço de tempo, sem receio de sobrecarga, o que permite obter uma nitidez bastante aproximada da imagem.

Para fotografias de órgãos que tenham, por exemplo, um movimento próprio rápido, terá que empregar-se uma ampola que satisfaça aquelas condições.

Uma outra ampola singular é a chamada "ampola do anodo comprido" utilizada em exames de material; nesta ampola o anodo está colocado numa peça estreita

UM POEMA

DE MARIA DA GRAÇA AZAMBUJA

*«Uma pérola branca
e uma pérola rosada...»
A tua fala branda, repassada de afagos
dir-se-ia, ao embalar-me assim,
a própria voz dos lagos.*

*Na meia-luz da tarde
surgiam reis, princesas,
podiam singrar velas
com pescadores morenos
namorados de estrelas...*

E eu dormia a sonhar.

*Por tudo o que me deste
— pobreza de esmolar,
estranhas cintilações de algas e coral
no fundo dos oceanos —
não posso querer-te mal!*

*Como o filho ao ente que o gerou
e todo o ser àquelas leis supremas,
devo-te o que hoje sou:
Uma alma liberta num corpo sem
[algemas.]*

*Não pensem que lamento
a fogueira em que ardi
ou os dias de treva,
se é do fogo e pelo fogo
que o espírito se eleva.*

*Todas as impurezas se convertem na
[cinza,
dispersam-se no ar;
e só a alma resta, como a luz mais
[brilhante
sobre as águas do mar.*

*Pelos séculos dos séculos
ninguém nasce sem dor...
Quanto por ti penei, quanta esperança
[perdida,
não foi senão a aurora
duma segunda vida.*

de alongamento, de forma que nos podemos facilmente aproximar de pequenas construções mecânicas.

As principais aplicações da radiografia são: o diagnóstico médico e o exame de material. Escusado será dizer que estas duas aplicações impõem à radiografia condições inteiramente diversas. Eis porque os aparelhos diferem quase sempre uns dos outros, sobretudo na sua construção. Os aparelhos usados em medicina são preparados para o corpo humano, ao passo que os que se destinam ao exame de materiais técnicos são compactos e podem deslocar-se com facilidade. Citaremos ainda uma especialidade típica: o aparelho "Practix" quem tem a particularidade de estar completamente encerrado numa caixa. Não pesa mais do que 8 quilos. Poderíamos comparar a utilidade deste aparelho ao da fotografia miniatura. É fácil ajuizar das novas possibilidades que oferece a realização de um tal aparelho de radiografia.

As aplicações da radiografia vistas horizontalmente parecem limitadas, porém

E se falássemos de:

Relógios

(Continuação da página 1)

inconvenientes foram remediados com os relógios de água, constituídos por vasilhas que, lentamente, se iam despejando por um pequeno orifício e que dividiam o tempo conforme a quantidade de líquido derramado. No Egipto antigo, os faraós possuíam os relógios de leite, cujo funcionamento se assemelhava aos relógios de água, e existiam também os de areia, conhecidos por ampulhetas, ainda hoje usadas para determinados fins. A areia daqueles relógios, depois de moída, era fervida nove vezes em vinho, talvez para lhe dar outra maleabilidade...

Mais tarde apareceram os relógios de fogo, que mediam o tempo pelo azeite ou pela cera gasta na combustão dum pavio. Alguns assemelhavam-se a candeias.

Tudo o que pudesse referir uma duração fixa e aproximada servia como relógio.

O Homem necessitava, porém, de maior precisão de funcionamento nos relógios que o orientavam, de harmonia com as exigências da civilização que, lentamente, foi criando. Descobriu, por isso, os relógios de pesos, já baseados na conjugação das rodas dentadas. Mas os pesos não baixavam uniformemente e isso tornava os relógios ainda muito imprecisos. Galileu, entretanto, conheceu a exactidão do movimento oscilatório do pêndulo e os pesos foram substituídos por este. Chegamos, assim, amigo leitor, ao relógio dos-nossos dias. Desde essa descoberta, a arte de relojoaria transformou-se radicalmente e foi-nos legando maravilhas de beleza e de precisão. Uma dessas maravilhas, pela grandiosidade, é, por exemplo, o Big Ben, que todos conhecemos através do cinema e da rádio. Cada um dos seus quatro mostradores mede oito metros de diâmetro e o ponteiro dos minutos dá saltos de quinze centímetros. Uma bagatela...

Apesar de todos estes aperfeiçoamentos, o Homem não descobriu ainda o relógio infalível, porque há factores, como a humidade, as mudanças de temperatura, etc., que, lenta mas seguramente, lhe estorvam o funcionamento. Diziam-nos há pouco as agências noticiosas — e esta conversa proveio disso — que os americanos haviam construído um relógio atómico, cuja precisão rondava pelo absoluto. Será possível?

Para nós basta-nos a tirania do modesto relógio de pulso com todas as irregularidades de funcionamento, para que já seja grande a vassalagem paga a tão complicado como necessário maquinismo. E se isso nos pode consolar, louvemos o relógio celeste, cuja precisão jamais será igualada por todos os relógios que na Terra nos oprimem...

F. Correia

vistas sob um ângulo vertical estendem-se muito mais além talvez do que qualquer outra aplicação fotográfica.

Condensado por

Jaime Ferreira

No próximo artigo:

Algumas palavras sobre as lâmpadas de gás.